

O SACRAMENTO DA EUCARISTIA NA PERSPECTIVA DE JOSPH RATZINGER - BENTO XVI

Cícero Felipe Tavares de Sousa¹; Rudy Albino de Assunção²

¹Discente do Curso de Teologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.
E-mail: cladson_15@hotmail.com

²Docente do Curso de Teologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.
E-mail: rudyalbino@unicatolicaquixada.edu.br

RESUMO

Este trabalho apresenta a concepção sobre o sacramento da Eucaristia na perspectiva de Joseph Ratzinger - Bento XVI. Descreve o tema em questão, com base em alguns documentos da Igreja que aprofundam o valor e importância do sacramento. Apresenta a Eucaristia mediante os três aspectos fundamentais da teologia eucarística de Joseph Ratzinger: Eucaristia e encarnação, Eucaristia e o mistério pascal, Eucaristia e unidade da Igreja. Joseph Ratzinger, ao discorrer sobre o sublime sacramento da Eucaristia, relata com maestria a riqueza insondável que é o sacrifício pascal de Cristo. Através da encarnação, o Senhor se revelou definitivamente e lançou, por intermédio de Jesus, as bases para que o encontro do homem com Deus se tornasse realidade. É necessário também o acontecimento da ressurreição, pelo qual Deus aceita essa morte e a converte em porta que se abre para uma nova vida, constituindo assim o mistério pascal. A Eucaristia é também comunhão entre Cristo e os que a celebram. Através desse tão sublime sacramento se encontra o verdadeiro corpo e sangue de Jesus, que vincula a caridade e a divina graça e congrega os fieis à categoria de povo de Deus.

Palavras-chave: Eucaristia. Bento XVI. Mistério Pascal. Unidade.

INTRODUÇÃO

O SACRAMENTO DA EUCARISTIA NA PERSPECTIVA DE JOSEPH RATZINGER - BENTO XVI

Neste texto irei explorar a cativante visão do sacramento da Eucaristia na concepção de Joseph Ratzinger - Bento XVI, a partir da obra “Deus próximo de nós” e de alguns documentos relevantes. Serão abordados os três aspectos fundamentais de sua teologia eucarística: Eucaristia e encarnação, Eucaristia e o mistério pascal, Eucaristia e unidade da Igreja.

A Eucaristia é o sacramento vivo e dinâmico no qual se expressa e está presente o Mistério Pascal de Cristo. Nela toda a Igreja encontra “o seu centro vital” (BENTO XVI *in* Sacramentum Caritatis, 2007), do qual nasce e acontece a comunhão com Cristo, cabeça da Igreja.

Discorrendo sobre a Eucaristia, Joseph Ratzinger, um dos maiores teólogos de todos os tempos, nos ajuda a introduzir-nos na riqueza insondável que é o sacrifício pascal de Cristo. O grande homem, que o Senhor escolheu para dirigir a sua igreja no início do século XXI, versa sobre o mistério em que a Igreja funda a sua existência, presença viva real e próxima de Deus no nosso quotidiano.

Joseph Ratzinger destaca que não podemos definir de qualquer modo o sacramento da Eucaristia, pois ele mesmo se definiu, e é essa a razão por que se apresenta diante de nós como Senhor nosso, sobre nós e no meio de nós. Este mostrar-se de Deus em virtude do qual Ele não

é mero pensamento nosso, mas Senhor nosso, constitui justamente o ponto central do símbolo da fé (RATZINGER, 2005).

Deus, em seu infinito amor pela humanidade, criou o meio visível para que o homem dele participasse em sua comunhão e, acima de tudo, fosse conhecido pela humanidade da forma como Ele realmente é. Abdicou de sua condição divina, se fez semelhante aos homens, humilhou-se; irrompeu a natureza humana para que esta fosse dignificada em seu Filho. “Portanto, através da encarnação, o Senhor se revelou definitivamente e lançou, por intermédio de Jesus, as bases para que este encontro (do homem com Deus) se tornasse realidade” (RATZINGER, 2005). Cristo devolveu a possibilidade desse encontro de comunhão se fazendo presente como hóstia viva, o qual se tornou acessível a toda humanidade, a partir dos primeiros discípulos presentes no cenáculo.

Sem dúvida a Eucaristia está alicerçada na encarnação do Verbo, que se tornou possível graças ao consentimento da Virgem Maria. O mesmo Jesus, que se encarnou no seio da Virgem é aquele que se entregou como vítima em sacrifício para a remissão dos pecados da humanidade inteira.

Sem este livre consentimento de Maria Deus não pode encarnar. Sem dúvida que este sim de Maria é inteiramente graça. Efetivamente, o dogma da imaculada concepção de Maria irá realçar este sentido único, a saber: mostrar que nenhum homem é capaz, pelos seus próprios meios, de dar início à salvação, porquanto o seu sim está todo ele saturado de um prévio primigênio amor divino que o envolve desde o seio materno (RATZINGER, 2005, p. 26).

A Eucaristia representa então o encontro íntimo de Jesus com os seus discípulos. Este marca o início de uma realidade que atingiu profundamente o coração dos cristãos, pois o Sacramento da Eucaristia, além de unir intimamente o ser humano e o ser divino, é promotor de comunhão entre os homens, donde esta relação de comunhão é mais bem expressa na celebração da Eucaristia, dom de Deus, realizada em favor de todos os fieis. Através da Eucaristia o homem se põe a disposição do amor incondicional de Deus que se entrega a todos.

A instituição da Eucaristia é antecipação da morte, consumação espiritual da morte, pois Jesus dá-Se a Si mesmo, entrega-Se fraccionado e repartido, dilacerado, em corpo e sangue. Assim, pois, as palavras da Última Ceia de Jesus são a resposta à pergunta de Bultmann sobre como é que Jesus encarou a Sua morte. Nelas se torna presente, de modo espiritual, a plenitude da morte, ou melhor dizendo, nelas Jesus transforma o fato da morte num ato de adoração pelo qual o homem se põe à disposição de Deus, constituindo-O em origem e meta da sua entrega (RATZINGER, 2005, p. 36).

Na sua obra já citada, Joseph Ratzinger cita o prólogo de João. No prólogo Joanino Jesus é apresentado como o novo Adão, que mergulha na noite do sono da morte para então iniciar a criação de uma nova humanidade. “Cristo antecipa, através da Eucaristia, a Sua morte, converte essa morte num acontecimento de amor, transforma o absurdo de sua morte no sentido novo que se nos abre” (RATZINGER, 2005).

É possível então compreender claramente o surgimento da Eucaristia e qual a sua fonte autêntica. Entretanto, Joseph Ratzinger discorrendo sobre o sublime sacramento da Eucaristia vai nos dizer explicitamente que não bastam as simples palavras da instituição; tão-pouco é suficiente a morte em si mesma; além disso, ainda que ambas se reunissem, só por si não chegariam. É necessário o acontecimento da ressurreição, na qual Deus aceita essa morte e a converte em porta que abre para uma nova vida.

Na ressurreição tornou-se claro que aquelas palavras haviam sido pronunciadas pelo poder divino em todo o seu vigor, que o Seu amor é efetivamente tão forte que irrompe para lá da morte. Ficam, assim, entrelaçadas a Palavra, a Morte e a Ressurreição; a tradição cristã chama Mistério Pascal a esta tríade constituída pela palavra, pela morte e pela ressurreição. É esta mesma tríade que nos permite penetrar um pouco no próprio mistério do Deus trino. Palavra, Morte e Ressurreição, unidas entre si, constituem a única totalidade; só possuem verdadeira consistência quando se apresentam as três em simultâneo; este mistério pascal, único em si mesmo, é a origem donde mana a Eucaristia (RATZINGER, 2005, p. 51).

Deus quer que todos se salvem, entretanto o homem pode ter a tendência de recusá-lo e dessa forma ocorre o distanciamento da graça divina. Na sua morte, aquele que é Filho de Deus e que é também homem oferece-Se ao Pai e assim Se revela como Aquele que nos incorpora a todos no Pai. Ele abre as portas que nós, humanos não seríamos capazes de abrir. A eucaristia é então o veículo que nos conduz a graça vivificante de Deus, pois a mesma nos aproxima do mistério divino de Cristo. (RATZINGER, 2005)

A Eucaristia pode ser entendida como o sacrifício sublime da redenção, atualização do sacrifício da cruz de Jesus Cristo. Deus oferece-Se a Si mesmo para que também nós possamos oferecer. No sacrifício de Jesus Cristo a iniciativa procede de Deus. No princípio é Ele, verdadeiramente Ele, que se digna descer. De tal modo Deus amou tanto o mundo que lhe deu o Seu Filho único (Jo 3, 16).

A Eucaristia é também comunhão entre Cristo e os que a celebram. É símbolo de unidade: grão de trigo e uvas, embora separados, se unem para formarem, respectivamente, o único pão e o único sangue eucarísticos. Nela está o verdadeiro corpo e sangue de Jesus que nos une pelo vínculo da caridade e da divina graça, onde nos tornamos povo de Deus, conforme diz o Concílio Vaticano II: “Alimentando-se do Corpo de Cristo na santa assembleia, manifestam concretamente a unidade do povo de Deus”. (Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 1997) Cristo nos oferece um novo sacrifício, o qual congrega e reúne a todos. Através desse mistério da entrega total do cordeiro de Deus, somos co-oferentes.

Por outras palavras, na Sua súplica Cristo abraça a miséria das nossas aflições, do nosso amor, da nossa esperança, bem como o nosso desejo de fazer dela uma grande corrente de vida compartilhada, de tal modo que n’Ele, somos realmente co-oferentes. Isto significa que Cristo não está apartado ou à margem de nós; embora tenha morrido sozinho como o grão de trigo, Ele não ressuscita sozinho, pois, na Sua ressurreição, Cristo é espiga que reúne Consigo a comunidade dos santos (RATZINGER, 2005, p. 58).

Na celebração do Mistério Pascal de Cristo, fonte de unidade eclesial, está o momento em que o próprio Cristo provoca uma atração sobre si e convoca toda a assembleia a experimentar sua presença real no Sacramento da Eucaristia. A celebração da Eucaristia se constitui, portanto, no centro da vida cristã, donde a Igreja conclama, orienta e conduz ao que a celebração eucarística tem de tão sublime, a celebração da vida, morte e ressurreição de Cristo. Nas suas duas partes (Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística), intimamente unidas, vivenciamos a presença de Cristo, pois é Ele mesmo que dirige a sua Palavra à assembleia e se oferece como alimento a partir do altar. Ao expressar o desejo que se repetisse o rito eucarístico na última ceia, Jesus fez o convite aos discípulos para que o “sacrifício da cruz se perpetuasse através dos séculos” (Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, 1997).

É neste sentido que o cânone representa o verdadeiro sacrifício, enquanto palavra do Verbo; ressoa aí a palavra do Verbo que é vida. Ao colocar nos

nossos lábios essa Sua palavra, o Verbo permite-nos falar com Ele, torna-nos co-participantes da Sua oferenda, a Sua palavra é a nossa palavra, a Sua súplica a nossa súplica, o Seu sacrificio o nosso sacrificio (RATZINGER, 2005, p. 59).

Logo, a unidade do único ato ritual da celebração da Eucaristia congrega, une e desperta para a comunhão eclesial. E, ao nos defrontarmos com tão apaixonante tema, percebemos a riqueza que a Igreja nos proporciona por meio do tão sublime sacramento que é a Eucaristia.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. **Sacramentum caritatis**. Exortação apostólica. São Paulo: Paulinas, 2007.

BIBLIA DE JERUSALÉM. 8ª Impr. São Paulo: Paulus, 2012.

Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja em Compêndio do Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia em compêndio do Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

RATZINGER, Joseph. **Deus próximo de nós: A eucaristia centro da vida**. Coimbra: Edições Tenacitas, 2005.